

POEMAS SOLTOS

Amelia da Lomba

A INVERSÃO NOS VALORES DO TEMPO

Nem sorrisos nem afagos trazem a amizade sincera e a leal doutro tempo

Hipócritas aos montes dum percurso inventado

caminham iludidos pela sombra, no lusofusco

da cobiça;

pela mágoa

vales de lágrimas transbordam

em busca de avenidas de esperança.

2.

Não seria suposto nascerem versos na verdade das rimas?

Justiça na psique dos juízes?

Honra na fé e na esperança?

Onde estás povo e os poetas que te cantam?

VITI, O PASSARINHO

Aos pais educadores do mundo

Pai, Pai, partem a nossa casa e nada fazes?

-O quê filho... Os que mandam, mandam!

Afinal, o gigante era frágil e agora até a onça o poderia comer,

a escuridão o engolir

a terra o tragar, com todos os cazumbis do mato;

(Pensava Viti), o deserdado:

Ainda ontem, como era forte o meu Pai! Como era forte minha Mãe...

Enquanto os tijolos caíam,

com eles crescia o medo, a incerteza pelo amanhã,

Sentia-se órfão de Pais vivos. Pais sem força, que deixavam partir a casa...

Chegou Malungo, o bebedor de vinho,

Que todos pisoteavam, com o mesmo medo que vira nos olhos do Pai

E pôs-se a correr assustado...

pela primeira vez, se sentira um passarinho, dum ninho caído.

Repasto de cobras e formigas, do leão e da onça e de outros meninos

também...

Corria, corria, corria Viti, apavorado...

Meu Deus, para que braços?!...

O pior que se pode fazer a uma criança é tirar-lhe a confiança no poder protector dos pais.

Um dia vi meu Pai esbofeteado, por um jovem embriagado a quem chamara a atenção.

Limpou a face com as costas das mãos, olhou para mim, abraçando-me pelo ombro e disse para a multidão:

“Conheci o seu Pai. Viemos no mesmo barco. Se a minha filha aqui presente tivesse sentido medo, eu, ainda assim doente teria que me bater com ele, até deixá-lo numa cama de hospital, para onde iríamos os dois talvez...

Mas, minha filha está sem medo nos olhos; por isso vou me retirar com a certeza de que dormirei tranquilo, com a memória amiga deste ”perdido”.

Meu Pai, para mim era um gigante, naquele tempo, com apenas 1.70m.

Anos mais tarde, já mulher e Mãe, com apenas 37 anos, recordei-lhe do episódio, Ele riu-se encabulado e disse-me:

...Não te esqueceste disso? Tinhas 11 anos, se tanto...

É Pai... Disso, eu nunca me esqueci!

-Olhou para mim com lágrimas nos olhos e disse:

“Jamais debes deixar alguém macular a tua consciência, para não perderes o sono...

Eu preferi sempre dormir. Quando alguém me quisesse fazer como ele, eu sempre preferia o sono. Desde moço. Eu gosto de dormir!”

Papá viria a falecer, cinco dias depois, sentado numa cadeira de braços; meu filho o encontrou numa manhã, sem vida, no quarto, e fui eu quem fechou os seus olhos selando para sempre um pacto de amor, para com a minha consciência.

Afinal, gostamos todos de dormir!

Amélia da Lomba